

UM CORPO PEQUENO CRUZA A CIDADE¹

Violeta Rodríguez Becerril

Doutoranda em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas | FCT | Universidade de Coimbra

e-mail: violeta.rodriguez.becerril81@gmail.com

Primeiro ato

Um pequeno corpo, meu corpo, cruza a cidade para ir a um concerto de “rock” na praça Zócalo. Às três da tarde, deixo o meu apartamento localizado no bairro da Narvarte na zona centro da Cidade do México. Ali moram, na sua maioria, trabalhadores e estudantes de classe média. O meu objetivo é chegar cedo ao evento, uma tarefa quase impossível numa metrópole com mais de vinte um milhões de habitantes². “Antecipar o imprevisto” faz parte do quotidiano dos habitantes desta cidade conhecidos pelo nome coloquial de “*chilangos*”³. Tudo pode acontecer, entre o trânsito, as manifestações políticas, as inundações e os tremores. No entanto, e apesar de tudo, a cidade continua a sua marcha e impõe a sua lógica e horários.

Milhares de corpos deixam a sua casa com um mesmo objetivo: ir de um ponto a outro num tempo limitado. No metrô da Cidade do México viajam diariamente cerca de 4,6 milhões de passageiros, divididos em 277 vagões. Os empurrões e pisadas são o dia a dia dos usuários do transporte coletivo. Uma série de estratégias espaciais nos momentos de agitação entre os corpos são acionadas. Estou quase a chegar ao metrô, lembro-me que é uma “hora ponta”. Na minha chegada à plataforma da estação aguardo na área designada

1 Esta breve crônica foi recuperada de um diário pessoal sobre as experiências nos massivos concertos de rock na praça Zócalo da Cidade do México.

2 Dados oficiais contabilizam 9,209,944 de habitantes na Cidade de México, com a zona metropolitana sumam 21,581 mil habitantes. A Cidade de México é a quinta cidade com mais população do mundo.

3 O grupo de rock mexicano Café Tacuba têm uma canção intitulada “Chilanga banda”. A letra da música refere-se à cultura urbana e à linguagem da cidade. Podem consultar a música na hiperligação.

para mulheres. Ainda não tenho certeza se é a melhor estratégia para evitar o assédio sexual. A proximidade dos corpos não deve significar a ocasião de tocar e agredir. Andar sem medo nos espaços públicos é um “slogan” que ainda não se concretiza nas grandes metrópoles. O meu corpo se prepara para a multidão, fico alerta caso que o vagão fique lotado.

Segundo Ato

Julgo que existem vantagens e desvantagens para um corpo como o meu. Por ser pequeno e magro, ele pode-se amoldar aos espaços mais reduzidos. Se há muita gente, só tenho que passar pelos cantos, a procura de um lugar para coar-me. Um aspecto negativo do meu corpo é que a minha aparente fragilidade me faz presa para múltiplos empurrões. Numa cidade como a minha, as distâncias do corpo desaparecem, os seus habitantes tentam ocupar todo o espaço possível. A porta do metrô está aberta, no vagão há lugares disponíveis. Que alívio! Estou à procura de um lugar. Tenho um livro na minha mochila e gostaria de ler algumas páginas mais antes de chegar a meu destino.

Tudo muda quando chegou à estação do metrô Balderas, aquela onde o cantor e cronista urbano Rockdrigo González⁴ dedicou a sua música mais famosa. Uma multidão de corpos entra no vagão, estou sentada perto da janela, esqueci de ser importante encontrar um assento perto da porta de saída. Uma senhora caminha até onde estou com duas malas enormes e decide sentar-se ao meu lado. O meu corpo comprime-se. Ela coloca as malas entre nós, o seu corpo é grande e ocupa mais espaço do que o tamanho da sua cadeira permite. Estou preocupada, como vou conseguir sair do vagão a tempo? Peço licença, estamos perto da estação Hidalgo, sendo a mais próxima à praça do Zócalo. Desta vez o meu corpo ajuda-me, meus cotovelos, embora pareçam frágeis, são pontudos e abrem o caminho para chegar à saída. Estou aliviada, consegui. Agora vou ter que caminhar alguns quarteirões, atravessar a Alameda Central, a rua Madero e encontrar a meu grupo de amigos.

4 Rodrigo González, mais conhecido como “Rockdrigo”, foi um dos principais representantes do movimento da música urbana na Cidade de México, morreu no terramoto que atingiu a Cidade do México, no 19 de setembro de 1985.

Terceiro ato

Estou atrasada, dezenas de jovens querem chegar ao mesmo ponto que eu. É um dos muitos concertos gratuitos que acontecem nesta cidade. Percorro a Avenida Hidalgo, há muita gente, começam os empurrões e os gritos. O ponto de encontro era na rua Madero. Desespero, é impossível encontrar os meus amigos. Continuo o meu caminho, sigo o fluxo de pessoas e adquiro o seu ritmo, parecemos pequenas formigas. O concerto está prestes a começar e ainda não cheguei à praça. Passo pelo posto de seguridade e mostro à polícia o interior da minha bolsa. Jovens, sempre jovens, aqueles que as autoridades da cidade tanto temem⁵.

Percebo que perdi o meu guarda-chuva no caminho à praça. Por fim vejo um rosto familiar, tento chegar onde ele está. Não posso. Se eu quiser estar na área mais próxima do palco, terei que demonstrar novamente a minha habilidade para esgueira-me entre a multidão. Desta vez tenho que ser mais flexível, peço licença para passar entre as pessoas, elas não me escutam. A esta altura, todos somos parte da massa. Estou já perto do palco, chegam mais e mais corpos. Os corpos vão se adaptando, movimentos ao uníssono numa ondulação da massa que se reuniu. Consegui, vou ouvir de muito perto, mas só posso escutar a música, sem ver nada do concerto. A minha altura de 1,57 cm não me permite ver o palco, vejo as cabeças das outras pessoas. Os corpos que estão ao meu redor são mais altos e podem empurrar com mais força. Esperamos, ouve-se o estribilho de uma música “*Welcome to Tijuana, tequila, sexo, marihuana*”. Começa a dança coletiva.

Referência bibliográfica:

Bourdieu, Pierre (1991), *El sentido práctico*. Madrid: Taurus. p. 451.

Boltanski Luc (1975), *Los usos sociales del cuerpo*. Buenos Aires: Ediciones Periferia, Colección salud, política y sociedad.

Canetti Elías (1981), *Masa y poder*. Barcelona: Muchnik Editores.

5 Em 1995 os concertos de “rock” foram proibidos na Cidade do México devido a que numa apresentação do grupo mexicano Caifanes terminou violentamente na Câmara Municipal de Venustiano Carranza. Dois anos depois, com a mudança para um governo de esquerda na cidade, os concertos foram agendados novamente nos principais espaços públicos, inclusive no Zócalo.

Hall, Edward T (1963) . "A System for the Notation of Proxemic Behavior", *American Anthropologist*, Vol (65) 5, 1003- 1026. New Jersey: Blackwell Publishing Ltd.